



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

INESC – INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DO CEARÁ

PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA

Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional

JACQUELINE PEREIRA DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Fortaleza – 2012

Jacqueline Pereira de Sousa

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú
como requisito parcial para obtenção do título de Especialista
em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Orientador: Prof. Aécio Feitosa, Dr.

Fortaleza – 2012

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Jacqueline Pereira de Sousa

Artigo aprovado em ____/____/____

Orientador: _____

Prof. Aécio Feitosa, Dr. (UVA)

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Coordenador do Curso:

Prof. Esp. Luiz Boaventura de Souza

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Jacqueline Pereira de Sousa

RESUMO

O presente artigo aborda sobre a importância da Integração Escola-Família no Processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança para uma educação de qualidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, na qual constatou-se que a relação escola X família é imprescindível, pois a família como espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo deve promover juntamente com a escola uma parceria, a fim de contribuir no desenvolvimento integral da criança.

É urgente a necessidade de admitirmos que família não seja uma Companhia Limitada ou uma Sociedade Anônima para ser administrada como ativo e passivo. Família é o ventre onde o ser humano absorve valores culturais, religiosos, deveres, responsabilidades, compromissos, para fortalecer as estruturas pessoais. O individualismo tem transformado o casamento numa união de interesses sem a base maior do matrimônio – o amor -, pois o sonho de esposo e esposa como uma só carne, se torna apenas na satisfação dos prazeres da carne.

Essas transações da modernidade alteram o teor da família, que para ser formada, dispensa sentimento, respeito, fidelidade, orientação sexual e etc. os interesses pessoais são suficientes para se aproximarem; a atração física é o bastante para que os relacionamentos aconteçam e garantam a procriação da espécie.

Em meio a essa desordem, a escola torna-se um instrumento fundamental para equilibrar dificuldades, pois cumprir o papel social da educação, poderá proporcionar o crescimento humano e fortalecer as bases da sociedade através do envolvimento escola-família-sociedade. Nesse tripé, poderá concretizar valores para que a sociedade moderna não se transforme numa geração de cidadãos deficientes de essência humana.

Palavras-chaves: relação família escola, processo aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Antigamente costumava-se atribuir á criança toda culpa por seu fracasso escolar. Hoje, porém, já se reconhece que as dificuldades em aprendizagem não se dão no vazio, e sim em contextos, tanto situacionais, quanto interpessoais. Não podemos falar de dificuldades tendo somente a criança como ponto de referência: o "contexto" em que a criança se encontra precisa ser considerado.

A família e a escola são parceiros fundamentais no desenvolvimento de ações que favoreceram o sucesso escolar e social das crianças, formando uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir. A educação perpassa tanto o ambiente escolar quanto o familiar. A interação entre ambos é muito importante para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Diante do exposto surgem as seguintes indagações: De que forma deve ocorrer a participação da família na escola? De que maneira a escola pode estimular a participação dos pais? Quais os principais resultados trazidos por essa participação?

A primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança.

A criança, desde seu nascimento, ocupa um espaço dentro da família. É nela que se encontram os primeiros professores e ensinamentos, os quais refletirão e perdurarão por toda vida adulta, permitindo que seus membros se desenvolvam em todos os aspectos, de forma integral.

Para adicionar esses ingredientes ao cotidiano escolar para formar cidadãos críticos, coerentes, o sistema deve fazer um exame de ótica para vislumbrar novas ferramentas, amadurecer conhecimentos e inseri-los no processo educacional para que as deficiências se ajustem com a realidade social da clientela. Somente dessa forma, a escola conseguirá cumprir os papéis políticos e sociais da educação por meio de instrumentos acessíveis, realizando assim, o maior sonho do sistema que é promover a inclusão.

A comunicação entre pais e filhos, o diálogo, as vivências de atitude, de amor e respeito, os valores, as regras sociais são de suma importância para a formação da

personalidade, do caráter, como também na aprendizagem, condição para crescimento pessoal e profissional.

A participação da família no ambiente escolar é fundamental no processo ensino-aprendizagem. Família e escola são os principais suportes com que a criança pode contar para enfrentar desafios, visto que, integradas e atentas podem detectar dificuldades de aprendizagem que ela possa apresentar, podendo contribuir de maneira eficiente em benefício da mesma.

A família deve ser parceira, aliada à escola e aos professores, para juntos oferecerem um trabalho de envolvimento e cumplicidade nos assuntos relacionados ao ambiente escolar. A discussão sobre como envolver a família no processo de aprendizagem na escola não é recente, promover a co-responsabilidade exige desafios. Mas a mudança e a perspectiva de integração entre família e escola devem ser incentivadas e analisadas constantemente. Esta luta se faz necessária para contribuir no processo de ensino-aprendizagem do educando, pois somente com a família interagindo com as escolas é que terá além de uma boa formação, uma preparação para tomar atitudes para enfrentar as dificuldades que certamente virão no decorrer de sua vida.

1. OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

- Descrever o papel da família no processo de desenvolvimento de aprendizagem da criança;

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer as formas de participação da família na escola;
- Identificar os principais resultados trazidos pela participação dos pais na escola.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada em artigos, livros e internet com a temática estudada. A pesquisa foi realizada no período de Fevereiro de 2012 a Junho de 2012.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 FAMÍLIA – RESPONSÁVEL PELOS LIMITES

A chegada do século XXI era o almejo da humanidade. Não sabíamos que chegaríamos a ele, mas ele chegou a nós. As crianças que viveram as décadas anteriores são os homens do nosso presente, e questionamos suas posições entre a educação, saúde, a fé, a solidariedade e a família, sendo o papel desta última o grande questionamento na sociedade atual. Como tem sido a estruturação familiar hoje em dia? Qual o papel da família na formação do indivíduo? Que educação de base as crianças deste século estão tendo em casa, onde muitas famílias acreditam estar à salvação ou o remédio para sanar a dor dessas crianças abandonadas pelo limite?

Hoje, o excesso de razão tem feito com que os pais não tenham a convicção da correção. Psicólogos desse novo século trazem em suas teorias o trauma da correção, afirmando que ela, em muitos casos, pode impedir o desenvolvimento da independência da criança, tornando-a insegura. Os pais passam a questionar sobre o momento certo para tal correção acontecer e se perdem no caleidoscópio de regras. Quem transforma, hoje, as crianças em verdadeiros vencedores? Quem são os heróis e exemplos dessas crianças, que clamam por socorro? Quando essas crianças, na escola, batem em um colega ou cometem pequenas infrações, será que elas não estão gritando para serem vistas ou ouvidas e esperam que alguém diga: “Basta”?

Infelizmente chegamos a um momento em que deixamos a educação ser fanada por passeios em shoppings, no Google, facebook e outros sites que substituem os pais, sites estes que tem sido o livro de ética entre as crianças e os adolescentes do mundo atual. Surge então a pergunta: “o que os pais têm a dizer”? Peca-se quando se permite que os meios de comunicação dialoguem mais com os filhos do que os próprios pais, pois, na maioria do tempo, estes estão simultaneamente presentes e ausentes. Será que o limite e a repreensão agora não evitarão problemas maiores no futuro? Estuda-se tanto para criar estratégias educativas relacionadas ao limite da criança, porém, no exato momento de colocá-las em prática não se consegue.

Houve décadas na nossa história que foram de suma importância: as décadas de 1960 e 1970 até meados dos anos 1980. Mas essas décadas foram responsáveis pelo dilaceramento da família. No auge das transformações sociais, quando a principal regra era quebrar as regras impostas pela ditadura militar, a família foi dilacerada. Ganharam-se algumas coisas, mas se

perderam os filhos. Os filhos daquela época são os pais e avós de hoje. Houve uma mudança de comportamento e uma inversão de respeito e valores. Tudo o que era uma regra familiar, como pedir a benção ou informar para onde se está indo aos pais, transformou-se em algo retrogrado. O não que era para ser dito ao autoritarismo da ditadura passou a ser dito aos pais. A mudança na moda, a aceitação dos excluídos, a nivelção social, os hippies, o topless, as drogas, tudo isso transformou a atitude e o comportamento dos filhos. Infelizmente não entenderam que a liberdade pela qual lutavam era a liberdade do respeito ao outro. O não é tão importante na imposição do limite como o dar de mamar, que cria a defesa imunológica. O não de hoje com certeza fará um adulto forte no futuro. Aprender a receber um não ensinará a criança que a vida nem sempre lhe dirá um sim, evitando frustrações. Aprender a receber um não é aprender a dizê-lo também. A criança que aprende a receber um não também o dirá às drogas, ao álcool, ao sexo prematuro; dirá não aos pequenos furtos, à desonestidade, à falta de respeito, à mentira. Dirá não a tudo que tentar substituir os pais.

3.2 FAMÍLIA – A DIFÍCIL ARTE DE EDUCAR

Longe de se tratar de um simples problema, passível de solução natural, a educação dos filhos é um desafio cujas bases são culturais. Os pais precisam admitir que também são humanos e seus recursos emocionais, limitados. Dificuldades e crises familiares são inevitáveis.

Por acreditarem que os filhos encontrarão o próprio rumo, alguns pais abrem mão de sua autoridade. Temem o rótulo de “careta”, e acham que as crianças não podem ser tolhidas nas suas reações para se tornarem adultos livres, sem traumas. Adultos que eu, quando crianças não tiveram limites, mostram-se indecisos, inseguros, incapazes de persistir e lidam muito mal com perdas e frustrações. Aprendem a manipular e mentir, como forma de obter aquilo que desejam. Apresentam dificuldade em assumir responsabilidades, em manter o que prometem.

Pais ásperos cobram com agressividade comportamentos que fogem da sua expectativa, mostram baixa manifestação de afeto, são incapazes de reconhecimento e elogio. Seus filhos acabam por apresentar baixa estima, sentem-se culpados, buscam esconder o medo dos desafios, ora mostrando conduta obediente e passiva, ora rebelando-se e mostrando explosões emocionais sem motivo aparente.

Pais e filhos têm todo o direito de expressar irritação, medo e raiva. Nem por isso podem bater, atirar ou quebrar objetos quando estão furiosos. Se os filhos vêem os pais discutindo, mas resolvendo os problemas, podem aprender importante lição. As pequenas insatisfações podem ajudar a lidar com outras, maiores, que a vida certamente trará. Os filhos precisam aprender que podem ter raiva, mas não precisam odiar nem fazer comentários maldosos.

Um irmão pode sentir raiva do outro, mas os adultos não podem permitir que se agridam fisicamente, briguem de forma violenta. Sentimentos e desejos são legítimos e aceitáveis, mas muitos comportamentos não podem ser tolerados nem estimulados. Essas crianças aprendem a se acalmar, concentrar-se no problema, recuperar-se das frustrações.

Na educação dos filhos, o grande desafio é aprender a focar os problemas, sem agredir a personalidade do filho, equilibrando atividade e firmeza. Comportamentos indesejados devem ser desestimulados, mas as emoções não podem se sufocadas, reprimindo a ação sem censurar os sentimentos.

Se no passado os sentimentos eram vistos como prova de fragilidade emocional, hoje não se pode negar que homens e mulheres, independentemente do sexo, idade ou situação socioeconômica experimentam raiva, medo e afeto. Os pais não fogem desta regra, e nem sempre sabem lidar de forma afetiva com as emoções. Equilibrar afeto e limite parece ser o maior dos desafios.

O comportamento e postura dos pais quanto ao afeto e limite trazem conseqüências muito importantes na educação e formação do caráter dos filhos.

3.3 FILHOS DO DESCASAMENTO

O estigma de que filhos de pais separados sofrem mais, tem menor rendimento escolar, mais problemas emocionais e autoestima mais baixa que os filhos de casais que permanecem juntos tem caído por terra. Existem situações em que as crianças sentem-se melhor com a separação dos pais. No momento da separação há um certo trauma porque nenhum filho quer ver os pais divorciados. Porém, com o tempo essas crianças ganham experiências e sentimentos valiosos, nem sempre vivenciados por outras. A psicóloga, terapeuta de família e de casais do Rio de Janeiro, Maria Cristina Milanez Werner, doutorando em saúde mental e vice-presidente da Associação de Terapia do Rio de Janeiro, afirma que muitas crianças se sentem aliviadas com a separação dos pais. Mas isso não impede que elas sintam-se frustradas de não terem pai e mãe juntos. De acordo com Laurene

Johnson em seu livro *DIVÓRCIO: E OS FILHOS?* Mesmo se pais e parentes forem cooperativos e derem um total apoio à criança, ainda assim o trauma do divórcio afetará seu desempenho na escola. Os filhos de pais divorciados geralmente diminuem seu aproveitamento escolar. A falta de estrutura em casa e as preocupações com a insegurança financeira resultam em uma instabilidade emocional que leva a problemas em sala de aula. Estes fatores, acrescidos do *stress* emocional dos pais, dificultam para a criança manter seus pensamentos voltados para a escola.

Infelizmente muitos pais sabotam a felicidade e o ajustamento de seus filhos após o divórcio, não cooperando com a outra parte nos pontos básicos referentes ao bem estar das crianças. A escola é um ponto crucial para este ajustamento.

Seria necessário que os professores de crianças com pais em situação de divórcio não fossem pegos de surpresa. As crianças precisam encarar seus professores como uma parte neutra, estável e que estará sempre no mesmo lugar à disposição delas.

Devido a agenda de trabalho dos pais, os filhos de casais separados têm pouca estrutura em casa. E como algumas crianças se preparam para ir a escola sem a ajuda dos genitores, acabam parecendo malcuidadas – sem banho, vestindo roupas sujas ou chegando tarde. Muitas delas também são gozadas por outras crianças, o que as deixa ainda mais retraídas.

Psicopedagogos recomendam que professores devem estar atentos a mudança de comportamento do aluno, já que suas dificuldades podem vir à tona de diversas maneiras. "Alguns se mostram mais dispersos, apáticos, não demonstram interesse e envolvimento com as atividades. Outros são hiperativos e agitados". Sempre deve haver um canal aberto para conversa entre alunos e professores. "Cada escola lida com a questão de uma maneira. É muito fácil perceber quando o aluno está passando por esse tipo de dificuldade. Quando aquele aluno que sempre fez as atividades começa a deixar de fazer ou fica calado, o educador deve procurar conversar, e depois falar com a coordenação." Se não houver melhora, a escola deve chamar os pais.

3.4 DIREITOS E DEVERES

O art. 226, da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) diz que: “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. O art. 19, da Lei 8.069/90 dos Direitos Fundamentais, diz que “toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e

educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de entorpecentes”. Conforme se pode perceber na legislação, a família é o que há de mais importante na vida da pessoa e, por essa razão, todos os esforços devem ser feitos para proteger a família. Já O Estatuto da Criança e do Adolescente, muito sabiamente, consagra em seu artigo 19 que *toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família*. E digo que é sábia essa norma porque penso que os pais são os principais educadores de seus filhos. E isso é assim porque existe uma relação natural entre paternidade e educação. A paternidade consiste em transmitir a vida a um novo ser. A educação é ajudar a cada filho a crescer como pessoa, o que implica em proporcionar-lhes meios para adquirir e desenvolver as virtudes, tais como a sinceridade, a generosidade, a obediência, honestidade, lealdade, amizade, bondade, solidariedade, dentre muitas outras. Em tempos em que a família está se transformando e grande parte das mulheres não tem mais tempo de acompanhar integralmente os passos de seus filhos, qual seria realmente o papel da família em relação a escola? Para Içami Tiba O estudo é essencial; portanto, os filhos têm obrigação de estudar. Caso não o façam, terão sempre que arcar com as conseqüências de sua indisciplina, que deverão ser previamente estabelecidas pelos pais. Só poderão brincar depois de estudar, por exemplo. No que é essencial, os pais deverão dedicar mais tempo para acompanhar de perto se o combinado está sendo levado em consideração. Os filhos precisam entender que tem a responsabilidade de estudar e que os pais os estão ajudando a cumprir um dever que faz parte da brincadeira da vida. Hoje, os grandes responsáveis pela educação dos jovens – na família e na escola – não estão sabendo cumprir bem seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola. Dentro da família, os pais são os maiores responsáveis pelos seus filhos e sempre respondem por seus herdeiros, pelo menos até atingirem a maioridade. Todavia, no período anterior à maioridade, os filhos já passam por diversas experiências e responsabilidades, principalmente no período escolar. Neste período, a participação constante dos pais e o acompanhamento intensivo do ensino de seu filho são imprescindíveis para que a educação atinja os objetivos. A família e a escola têm um papel muito importante no desenvolvimento mental, psicomotor, social e afetivo do ser humano. Se a criança recebe uma boa educação obviamente será bem sucedida e vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando adulto, nesse contexto a família é a influencia mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter do cidadão.

Cabe aos pais perante a instituição escolar seguir algumas funções para que venha favorecer o aprendizado de seu filho, se de fato querem que seus filhos se tornem um bom estudante e futuramente um cidadão produtivo:

- Prestar a colaboração que lhes for exigida por parte dos professores para tornar mais coerente e eficaz a atuação escolar, tanto no campo acadêmico estrito como no mais amplo das atitudes e dos hábitos de comportamento que pretende fomentar como parte do projeto educacional da escola.

- Manter contatos periódicos com os professores para ter conhecimento constante do processo educativo realizado na escola.

- Manifestar interesse pelas atividades que os filhos realizam na escola, como expressão de sua preocupação pela atuação da instituição e de seu apoio a ela. Dando a devida importância à escola e essa “assistência”, os pais não estarão contribuindo apenas para um bom desempenho do professor em seu trabalho, como também demonstrarão aos filhos, que têm interesse na vida escolar e que dão valor no conhecimento e novas habilidades que desenvolve.

Esses fatores trarão muitos benefícios a todas as pessoas envolvidas no sistema escolar. A participação da família, dos pais pode ser ainda maior, pois existem Conselhos de classe, Associação de Pais e Mestres e muitos outros projetos, eventos, festas e atividades em que os pais podem estar inseridos. Os pais precisam dar o suporte necessário para que a escola possa fazer a sua parte e deixar a sociedade, de uma maneira geral, satisfeita com os resultados obtidos com essa parceria.

3.5 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A parceria entre familiares e as instituições de ensino seja a educação formal ou a técnica, é concretizada quando ambos estão unidos em um único objetivo, formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com uma perspectiva de um futuro promissor. A família pode participar de várias maneiras na vida educacional do estudante, segundo Freitas, Maimoni & Siqueira, (1994) e de Maimoni & Miranda, (1999), elas podem: acompanhar tarefas e trabalhos escolares, verificar se o filho fez as atividades solicitadas pelo professor, estabelecer horário de estudo, informar-se sobre matérias e provas, entre outras.

Há vários modelos de famílias, não existe somente um tipo de família na sociedade brasileira, mas existem singularidades entre elas. É possível afirmar que cada família possui sua

identidade e estão em constante evolução, constituídas com o intuito básico de prover a subsistência de seus integrantes.

Por meio do desenvolvimento tecnológico, não somente máquinas foram modificadas, a sociedade também passa por transformações no estilo de vida e as relações que estabelecemos com nossos semelhantes. O mundo virtual que é a nova maneira de interação e relacionamento entre as pessoas, em que em questão de segundos há o processo de comunicação com outros indivíduos que estão a milhares de quilômetros de distância, ocupando o tempo que antes poderia ser utilizado com uma conversa ou atividades que poderiam interagir e unir os membros da família.

Segundo Ackerman (1986, p. 17), “o momento histórico em que nos encontramos, tem alterado a configuração da vida familiar e tem abalado os padrões estabelecidos de Indivíduo, Família e Sociedade. [...] Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento, uma nova visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade”.

A saída da mãe para o mercado de trabalho, que é a figura central na educação de seus filhos, é um dos fatores que tem abalado a relação entre mãe e filho, as relações de amor, confiança, segurança, relacionamento social são construídas no decorrer do cotidiano, em um determinado tempo histórico e um delimitado espaço físico. A nova mãe da sociedade, que trabalha e possui grandes responsabilidades, muitas vezes não dispõe do tempo necessário para estabelecer uma relação com seu filho e educá-lo.

Em relação às perspectivas da família com relação à escola com seus filhos encontram-se várias idéias de que a instituição escolar “eduque” o filho naquilo que a família não se julga capaz e que ele seja preparado para obter êxito profissional e financeiro. A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo. (CARVALHO, 2006).

A formação dos professores quanto aos valores éticos e o desenvolvimento da moralidade como também padrões de comportamento muitas vezes é apontada pela família como responsabilidade apenas da escola, segundo Di Santo (2006), em seu artigo Família e Escola: uma relação de ajuda relata que atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos inserindo-os na sociedade.

Logo, deve haver um estreitamento das relações entre família e escola em busca de uma qualificação com mais qualidade, evitando uma confusa transferência de responsabilidades entre ambas as partes para alcançar um bom desenvolvimento saudável dos educandos.

O primeiro passo para a interação positiva entre a escola e a comunidade é, sem dúvida, o conhecimento da própria comunidade por parte da escola. Para um considerável afinamento desta relação, seria necessário toda a comunidade escolar, não somente educadores ou gestores, analisar instrumentos que facilitassem o intercâmbio entre as partes, favorecendo uma relação de confiança e respeito para com os envolvidos.

Uma das funções da escola é buscar uma aproximação com as famílias de seus alunos, pois enquanto instituição pode promover atividades como: interação e apoio com diversos profissionais como psicólogos, fazer visitas aos familiares, reuniões de pais e mestre com maior frequência, bem como a realização de trabalhos técnicos com a participação dos familiares para que estes possam conhecer os conteúdos que seus filhos estão desenvolvendo nas diversas atividades curriculares, proporcionando ligação entre escola-família- professores.

O papel a ser exercido pela escola e pelos pais, em se tratando de uma sociedade que passa por mudanças constantes, é a busca de novas formas e caminhos para alcançar êxito na formação de valores, pois muitos dos valores considerados essenciais pela humanidade estão sendo abalados, por isso a importância de um lugar em que os filhos e estudantes possam se sentir seguros e confiantes no seu próprio potencial e a escola pode ser este ambiente quando estiver bem estruturado e apoiado pela família. Em entrevista concedida a Marcia Pimentel e falando sobre o papel da família na aprendizagem da criança, a pesquisadora Cynthia Paes de Carvalho, que foi professora do ensino básico durante 15 anos, fala que o papel da família não pode ser, definitivamente, o mesmo de escola. 'Ensinar os conteúdos das matérias é papel e obrigação dos professores, que não podem pressupor que os responsáveis tenham tempo para ensinar, ou conheçam os assuntos que estão sendo dados em sala de aula'

3.6 ESCOLA SEM CONFLITO – PARCERIA COM OS PAIS

Durante cerca de dois séculos, família e escola viveram uma verdadeira lua de mel. O que a escola pensava era o que os pais pensavam. O que a escola determinava ou afirmava, fosse em termos de tarefas, atribuições e até mesmo de sanções, era endossado e confirmado pela família. Dessa forma, crianças e jovens sentiam, nas figuras de autoridade que as cercavam e orientavam coesão e homogeneidade. Com isso, o poder educacional dessas duas instituições se alicerçava e alimentava-se mutuamente. Especialmente com isso, as novas gerações adquiriram seus valores e seus saberes (intelectuais e morais) sem maiores problemas.

De repente, o que se observa? Que já não existe essa harmonia, esse clima de confiança. Os pais parecem estar todo o tempo, com um pé atrás, supervisionando o que a escola faz, desconfiando de professores, diretores e equipes pedagógicas. É como se de repente tivesse perdido o encantamento, essa relação de confiança tão benéfica para nossos filhos.

Por sua vez, a escola se sente também atemorizada, insegura, com sua auto estima abalada. O mais comum é esses pais adotarem duas atitudes. A primeira, de desconfiança: parte deles parece ter perdido totalmente a fé no trabalho docente. Vivem indo à escola questionando, reclamando, ameaçando por qualquer motivo, acreditando sempre que a escola errou ou não agiu adequadamente com seus filhos: ora é o professor tal que passou muito trabalho, deixando as crianças assoberbadas; ora é fulano que não passa tarefas suficientes, sobrando às crianças tempo excessivo para a rua, para o playground, para a TV, internet e etc, assim segue a sucessão de reclamações.

O segundo grupo de pais é aquele que, depois de matricular os filhos, apreze considerar sua missão terminada e daí em diante entrega à escola toda e qualquer problemática relacionada à educação. De uma maneira geral, esses são pais ausentes, que não comparecem a reuniões quando convidados ou que, quando chamados para entrevistas ou reflexões conjuntas, nunca podem ir.

Ambas as atitudes em nada contribuem para o crescimento intelectual e afetivo de nossas crianças. No entanto, são formas de agir que ocorrem com bastante frequência, criando uma amargura crescente por parte dos docentes ao perceberem que não são mais vistos com o mesmo grau de confiabilidade e como os parceiros ideais de outrora. Por sua vez, os pais também se sentem a cada dia mais inseguros quanto ao que esperar e como agir em relação a

escola dos filhos, agregando mais um fator dentre os inúmeros que incrementam a tensão diária dos pais modernos.

Em seu livro *Escola Sem Conflito*, Tânia Zagury cita que dependendo da forma que os pais agem eles podem colaborar ou derrubar os objetivos da escola. Em sua consciência, nenhum pai saudável age visando a ser um empecilho ao bom resultado escolar. Ocorre que às vezes, inconscientemente, pensando estar agindo da melhor forma, pode-se, de fato, estar causando problemas ao filho. As formas mais comuns são: superproteção dos pais; acreditar no filho sem que antes ouça alguém da escola; interferir nos problemas normais da vida e convivência do aluno com a escola sem deixar que o aluno lute por seus direitos; os pais ficam muito mobilizados emocionalmente quando seus filhos contam algo. É bem verdade que todos nós desejamos um mundo melhor para nossos filhos, mas precisamos começar dando, nós próprios, o exemplo. Isso só se faz na prática, exercendo a cidadania, regulando nossa vida e nossas atitudes perante as regras que exigimos que os outros utilizem. Ações como essas, ajudarão aos filhos a pensarem que faça o que fizer, podem errar à vontade e sem se responsabilizar por nada, que papai e mamãe aparecerão para tirá-los da encrenca.

Já está provado que essa visão distorcida da realidade pode ser o caminho para a marginalização.

3.7 ESCOLA – INSTITUIÇÃO NECESSÁRIA PARA TRANSFORMAÇÃO

Mais do que as famílias a escola tem buscado dialogar, aproximar, criar vínculos das pessoas entre si e delas com a escola. Os encontros nos finais de semana acabam incorporando um tom de informalidade que ajuda as pessoas a redefinirem no trabalho cotidiano os papéis rigidamente definidos pela burocracia do sistema. Pode-se dizer que, até o fim da Segunda Guerra, predominou no cenário brasileiro e mundial um modelo de escola de tendência aristocrática caracterizado pela dificuldade de acesso e de trajeto em seu interior. Portanto um modelo fechado e, em muitos aspectos, semelhante aos hospícios e presídios, principais modelos totais de enquadramento das pessoas a um modelo de sociedade. No início dos anos 50, a escola de educação básica foi sacudida por demandas antes não presentes com tão grande intensidade, a escola passa a ser democratizada. A escola até então reservada a uma elite, tem de abrir a todos os interessados porque o acesso a escola passou a ser o primeiro indicador de uma sociedade democrática.

Muitos autores se mostram preocupados e aborda a questão da gestão democrática como solução para todos os problemas do atual sistema de ensino. Acredita-se que a escola é um caminho, mas não o fim, que de nada adianta saber o que fazer, sem saber, o como fazer. A participação da comunidade escolar deve ser ativa nas ações, mas não podemos transformar os meios em objetivos. Todos desejam uma escola mais democrática e participativa que prepare os alunos para a cidadania e isso pode ser construído pelos que dirigem a escola e por toda a comunidade escolar.

Libâneo, 2000, p. 7-13 afirma que: [...] Os educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino, levando a uma reavaliação do papel da escola e dos professores. Entretanto, por mais que a escola básica seja afetada nas suas funções, na sua estrutura organizacional, nos seus conteúdos e métodos, ela mantém-se como instituição necessária à democratização da sociedade[...]

Percebemos que a escola e seus responsáveis estão interessados na formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações, como o fortalecimento da sociedade civil, das entidades, das organizações e movimentos sociais.

Diz Libâneo (2000 pág. 9) que:

“Não dizemos mais que a escola é a mola das transformações sociais. Não é, sozinha. As tarefas de construção de uma democracia econômica e política pertencem a várias esferas de atuação da sociedade, e a escola é apenas uma delas. Mas a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna ou pós-industrial, como dizem outros. Por sua vez, o fortalecimento das lutas sociais, a conquista da cidadania, dependem de ampliar, cada vez mais, o número de pessoas que possam participar das decisões primordiais que dizem respeito aos seus interesses. A escola tem, pois, o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem, também, o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade.

Diante de tais exigências a escola mais do que nunca deverá estar preparada para fazer a diferença buscando uma educação que valorize o conhecimento do aluno, fortalecendo uma melhor relação entre o processo ensino aprendizagem em que diretores, equipe pedagógica, professores, funcionários, alunos e pais devem estar envolvidos, oferecendo serviços de

qualidade. Os objetivos da instituição podem ser esses, mas será necessário explicitar que essa escola não busca alcançar prioritariamente objetivos cognitivos. Embora essas formas de ver a organização escolar possuam méritos, quando acentuam ora os aspectos técnicos e gerenciais, ora os participativos, ora os sociais e culturais, elas tendem a confundir objetivos e meios democráticos e participativos, são meios, não fins.

Na educação, a escola sempre teve um papel fundamental, e hoje, além da função de ensinar para a cidadania e para o trabalho, tem também que passar os valores fundamentais para a vida do indivíduo, sendo que esse papel também deveria ser de comprometimento familiar. Com o tempo, foram sendo atribuídas mais funções às escolas. Atualmente, as práticas educativas podem ser definidas como o conjunto de atividades sociais por meio das quais os grupos humanos ajudam seus membros a assimilar a experiência organizada culturalmente e a se transformar em agentes de criação cultural. Desempenham um papel chave na definição dos caminhos do desenvolvimento individual, promovendo-o, orientando-o e dando-lhe conteúdo. O desenvolvimento escolar recebe grande influência da sociedade, mas nem sempre participa e dá suporte à educação, o que torna muito difícil a qualidade da educação. É relevante que a sociedade dê subsídios à escola e que esta tenha o total apoio e participação da família do educando. As transformações que estão ocorrendo dentro dos valores da família e da sociedade fazem com que a escola perca o controle sobre a maneira adequada que se deve educar, sendo que muitos fatores estão influenciando na educação, e fazendo com que o trabalho da escola torne-se mais complexo ainda e a sociedade passando-lhe atribuições que antes eram de competência familiar. Com todas essas mudanças, fica difícil chegar num acordo da função escolar. Ensinar educando ou educar ensinando? Diante desses fatos a escola vem sofrendo cada vez mais influências e cobranças da sociedade, a qual nem sempre auxilia para o bom desenvolvimento escolar da criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de pesquisa essencialmente bibliográfica sobre a importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança; inúmeros autores abordam essa questão como uma atividade crítica e permanente com a possibilidade de rever e elaborar uma prática educativa na construção do conhecimento e na formação do educando.

Na educação, a escola sempre teve um papel fundamental, e hoje além de ensinar para a cidadania e para o trabalho, tem também a responsabilidade de passar os valores fundamentais para a vida do indivíduo, sendo que esse papel deveria ser uma iniciativa da família que muitas vezes não estão integrados na aprendizagem e formação de seus filhos, o apoio da família aos trabalhos desenvolvidos com os alunos seria um aliado importante para o bom êxito na construção do saber.

Conclui-se então que a relação escola-família cria compromissos, tece redes de inter-relações, reproduz laços éticos dando novos significados e abrindo horizontes para uma formação de prática pedagógica.

Assim compreende-se que o diálogo entre a escola e a família seja capaz de possibilitar a troca de ideias entre as mesmas; em nenhuma instância compete a escola julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece; o objetivo da escola é oportunizar e abrir espaços para que valores sejam adquiridos e trabalhar o respeito e as diferenças expressas pela família, proporcionando e garantindo a integridade básica do aluno e da família.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Julio Gomes. **Como se faz Escola Aberta?**São Paulo: Paulus, 2005

BOM SUCESSO, Edina de Paula, **Afeto e Limite: uma vida melhor para pais e filhos.** Rio de Janeiro: Dunya Ed., 1999

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996

Instituto Brasil Leitor – Artigo Vida Partida -
http://www.brasilleitor.org.br/www/novo/asp/noticiasDet_04.asp?sub=noticia

Johnson, Laurene. **Divorcio: e os filhos?: seus filhos podem sobreviver aos efeitos do divorcio/** Laurene Johnson, Goefglyn Rosenfeld; tradução: Maria Beatriz Monteiro. – São Paulo: Maltese-Norma, 1993 – (Série Superação Pessoal)

LIBÂNEO, José Carlos, **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente /** José Carlos Libâneo, 4ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2000.- (Coleção Questões da Nossa Época: v. 67).

PIMENTEL, Márcia. **O papel da família na aprendizagem da criança.** Disponível em: http://multirio.rio.rj.gov.br/familia/index.php?option=com_k2&view=item&id=103:o-papel-da-fam%C3%ADlia-na-aprendizagem-da-crian%C3%A7a&Itemid=18

SANTANA. Emerson, **Espaço Pedagógico**, Revista Construir Noticias, nº 50, ano 09

TESSARI, Olga Inês. **Em entrevista sobre Pais Separados/ Filhos.** Disponível em: <http://www.olgatessari.com/id235.htm>, 2005

TIBA, Içami.**Disciplina, limite na idade certa.**São Paulo: Editora Gente, 1996

Zagury, Tânia, **Escola sem conflitos: parceria com os pais** – Rio de Janeiro: Record, 2008